

Apresentação

Neste número, a *Revista do Centro de Estudos Portugueses* publica dossiê em homenagem a Ana Hatherly (Porto, 1929 – Lisboa, 2015), por ocasião dos dez anos do seu falecimento. Cientes de que “o poeta é/ uma sombra um perfil/ um desaparecimento”, nossa atenção se volta não para aquele que escreve, “mas/ sobretudo” para “a despedida mão feita poema”, conforme os versos d’*O cisne intacto* (1983). Com isso, mais do que tecer loas, pretendemos demonstrar sua pervivência por meio de uma obra que não cessa de atrair o interesse de novas gerações de pesquisadores, como dão prova os artigos aqui reunidos.

Múltipla como as linhas que se enovelam num poema seu – nas *Esferas do ininteligível* (1973-1974), por exemplo –, Hatherly se dedicou, ao longo de seis décadas, a uma intensa, inquieta e ininterrupta atividade como escritora, artista plástica, cineasta, performer, crítica literária, tradutora e docente. O resultado estético desse empenho é, sem dúvidas, autêntico o suficiente para que a consideremos figura incontornável nos estudos portugueses contemporâneos.

Da sua estreia em literatura com *Um ritmo perdido* (1958) aos últimos poemas, em *A Neo-Penélope* (2007), ela se manteve coerente, com temas que retornaram obsessivamente de uma ponta a outra – a escrita, a mão inteligente, o barroco, o feminino (nas figuras de Alice e Penélope, especialmente) e a própria poesia. Muito embora o engajamento na Poesia Experimental Portuguesa nas décadas de 1960 e 1970 tenha sido determinante nesse percurso, Hatherly compreendeu sua arte e seu ofício para além dos engessamentos formais, como constante descoberta de possibilidades criativas e como “forma de tomar posse do mundo”, para citar o título de uma conferência-depoimento que proferiu em 2001. Nem por isso se prestou a facilidades, pelo contrário, sua poesia admite a dificuldade essencial da linguagem e se situa no território dessa coisa tão abstrata quanto reconhecível a que chamamos invenção.

Por isso mesmo, os textos deste dossiê dialogam com um *corpus* que resiste à leitura com a mesma força que exerce sobre os leitores certo fascínio, tanto pela beleza e extensão quanto pelo rigor e ilegibilidade. Se esses artefatos testemunham, por um lado, a amplitude de temas e interesses da autora, impingem aos investigadores, por outro, a dificuldade de decifração. Uma saída para o impasse é acolher, dialeticamente, o espírito daquilo que ela escreveu no ensaio *A reinvenção da leitura* (1975): “seja qual for a linguagem - palavra, gesto, objecto - nem

tudo é sempre legível, como nem tudo é sempre dizível, como nem tudo é sempre decifrável”, pelo que essa “zona de obscuridade” intrínseca ao objeto artístico é o que “vai permitir inúmeras, talvez infinitas leituras criadoras”. Essas leituras têm o mérito de descobrir novas passagens em caminhos repisados, seja pela abertura hermenêutica adotada, seja pela leitura cerrada que lança sobre as veredas novas luzes. Assim, como se verá, os artigos apresentados a seguir, mesmo quando se ligam à tradição crítica previamente estabelecida, não se restringem ao enquadramento habitual da obra no âmbito da Poesia Experimental, mas dão passos adiante na sua interpretação e contribuem efetivamente para investigações futuras.

Já no artigo de abertura, numa articulação entre filosofia e literatura a partir de Hans Ulrich Gumbrecht, Augustto Corrêa Cipriani demonstra como a poesia de Hatherly produz uma oscilação entre produção de presença e produção de sentido, o que se dá a ver em poemas que dialogam com Fernando Pessoa e seus heterônimos.

No segundo texto, numa leitura mediada pelas reflexões de Maurice Blanchot acerca da autonomia da obra de arte, Matthews Cirne investiga, a partir dos poemas dedicados a Paul Celan no livro-exposição *O pavão negro* (2003), as relações temáticas e conceituais entre Hatherly e o poeta alemão.

Alice da Palma, por sua vez, aborda as estratégias textuais de construção da subjetividade, linguagem e representação em três eixos de análise: a carta, o autorretrato e a reiteração da partícula “ana” como inscrição do nome de autor em diversos poemas ou conjunto de poemas.

No último texto do dossiê, André Luiz do Amaral revisita as *Tisanas*, projeto contínuo de Ana Hatherly iniciado em 1967 e encerrado em 2006. Aproximando-as da tradição do poema em prosa e dos emblemas barrocos, classifica-as como imagens de pensamento (*Denkbilder*), em busca um enquadramento formal mais adequado e rigoroso, para além da imprecisão comumente adotada pela crítica especializada no que diz respeito a esses fragmentos.

Na seção Varia, o artigo de Thiago Saltarelli propõe investigar o modo como a noção grega de *mimesis* é utilizada, no contexto da produção letrada do Brasil-Colônia, como categoria fundamental para se pensar a obra de autores como Basílio da Gama e Antônio Dinis da Cruz e Silva.

Na sequência, Raul César Gouveia Fernandes analisa a inserção de poemas líricos em certos livros de cavalaria quinhentistas como *D. Duardos Segundo* (1587), de autoria de Diogo Fernandes. Objetiva-se, no artigo, mostrar “a diversidade formal, versificatória e temática desses textos, bem como as várias funções que eles exercem na obra”.

Encerrando o volume, na seção Entrevista, o poeta e tradutor português Ricardo Marques responde a Marcus Vinícius Lessa de Lima a respeito das relações que envolvem, na atualidade, a complexa combinação entre poesia e exílio, segundo uma dupla validação: seja como fenômeno geopolítico e biográfico, seja como *topos* filosófico. Na parte final da conversa, amplia-se o escopo da reflexão, com a finalidade de tratar da recepção contemporânea da poesia portuguesa no Brasil e vice-versa.

A Comissão Organizadora deste número deseja a todos uma boa e proveitosa leitura!

André do Amaral (UFMS)

Ana Paixão (Paris 8/UNL)

Deolinda Adão (UC Berkeley)